

# A ANÁLISE DO DISCURSO NO BRASIL DO “MERCADO LIVRE” \*

Robert de **Beaugrande**  
Universidade de Viena

- **RESUMO:** Este trabalho apresenta considerações gerais sobre a evolução da Análise do Discurso e trata, especificamente, da sua relação com a situação política e sócio-econômica brasileira. São feitas observações sobre o discurso público no “país do mercado livre” e é analisado o “discurso transcendental” de uma peça publicitária de uma empresa multinacional. A análise apresentada objetiva ligar os sentidos do texto às condições do país. É um estudo de caráter crítico que está a serviço de uma ideologia “ecológica”, ou seja, que afirma o valor da vida do homem através da busca de sua preservação em um ambiente humano. Tenta mostrar as diversas estratégias utilizadas na construção do texto com o propósito de sensibilizar as pessoas para escolhas entre o consumismo e o “ecologismo”, entre o egoísmo e a generosidade, entre o poder e a solidariedade e entre o confronto e a cooperação.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Ideologia, Discurso Transcendental, Análise Crítica do Discurso.

## 1 A evolução da Análise do Discurso

O desenvolvimento da análise do discurso pode ser visto por dois ângulos, de um lado a disciplina teve uma evolução separada das disciplinas vizinhas, tais como a Lingüística, a Antropologia e a Sociologia. Nesta visão, foi principalmente um empreendimento para ajudar estudiosos de discurso transdisciplinar a resolver problemas práticos, na busca e interpretação de dados discursivos, mas esta visão é simples demais e não corresponde à história atual, contudo a ênfase prática da Análise do Discurso merece nossa atenção. De outro

---

\* Quero agradecer imensamente a Antônia Elizabete Alves da Silva e a Benedita Cristina Amaral Diogo por terem transcrito a versão oral deste trabalho.

lado, a Análise do Discurso foi uma disciplina que se desenvolveu para resolver problemas teóricos e práticos dessas outras disciplinas.

O problema principal foi, sem dúvida nenhuma, a famosa separação já feita no “Curso de Lingüística Geral” de Ferdinand Saussure entre *língua* e *fala*. O problema começa com o fato de que a língua não se apresenta como fenômeno humano; é-o sempre só a fala. A solução proposta para a lingüística saussuriana foi a de reconstruir a língua como sistema idealizado e abstrato. Esta estratégia deu bom resultado somente no campo da fonologia, onde é fácil descrever as unidades fundamentais e mínimas com base na articulação humana. Já na morfologia a descrição das unidades mínimas de formas que têm sentido gerou problemas bastante difíceis, graças à quantidade dessas formas nas diversas línguas. Um catálogo dos morfemas de uma língua teria que incluir todos os pedaços das palavras, isto é, a totalidade do vocabulário, além de todas as flexões nominais, verbais, etc. A solução preferida foi limitar o campo da morfologia aos subsistemas menores, bem organizados e fechados, tal como as flexões verbais. As raízes nominais e verbais foram entregues ao campo da lexicologia, que ficou marginalizado na lingüística devido à grande variabilidade dos lexemas. Os problemas, no campo da sintaxe, ficaram ainda mais difíceis no que diz respeito à utilização de soluções que deram resultado na fonologia. As unidades da sintaxe não são bem organizadas nem mínimas e é impossível dizer quantas frases e expressões uma língua pode ter, ao contrário da fonologia e morfologia, cujas unidades são visíveis nos dados transcritos.

Naquela época, a Lingüística sofreu uma importante mudança, pois uma língua só era definida como um sistema ou uma combinação de sistemas de unidades mínimas bem organizadas. A partir de então, a língua foi definida como um sistema de regras de formação e transformação, no qual,

obviamente, estas regras não aparecem nos dados transcritos. Foi quando os lingüistas postularam um nível de “estrutura subjacente”, que foi o lugar de operação das regras. A estrutura superficial foi somente o resultado final desta operação.

A liberdade de inventar sistemas de regras levou a uma nova situação, na qual vários grupos de lingüistas inventaram uma quantidade de sistemas diferentes e tentaram estabelecê-los através da polêmica acadêmica. Até hoje, nenhum dos sistemas de regras ganhou base empírica. Ao contrário, a tendência foi de inventar sistemas cada vez mais formalizados e mais longe dos dados do discurso observado na conversação cotidiana.

Uma tentativa para resolver essa situação foi convidar a semântica, que até então tinha ficado à margem da lingüística e dentro da filosofia, para fazer o papel de fonte de mais regras formais. As unidades básicas desta semântica foram os “traços semânticos”, que foram imaginados como unidades mínimas de sentido, que, ao contrário da fonologia com as unidades de sons (fonemas), ninguém sabia como achar e definir as unidades semânticas. As poucas demonstrações foram pouco convincentes e o consenso dos lingüistas, que já havia sofrido grandes prejuízos na sintaxe formal, acabou quase que inteiramente.

Chegou a hora da pragmática, quer dizer, da pesquisa do uso da língua, exatamente o aspecto que foi excluído no “Curso de Lingüística Geral”. Naturalmente foi bastante problemático introduzir um campo de pesquisa num ambiente teórico que antigamente nada tinha a ver com o uso de linguagem, daí ter sido a pragmática definida de uma maneira muito limitada.

Para exemplificar, consideremos o problema do falante nativo. Na fonologia, o falante nativo era quem tinha o conhecimento dos sons da sua língua e, portanto, a capacidade para compreender os sons teóricos da língua, apesar das variações na produção de pessoas diferentes, lugares diferentes, etc. Já na morfologia, o falante fazia uso dos sistemas de flexões

verbais, nominais, etc., sem o conhecimento analítico ou histórico desses sistemas. Na sintaxe e ainda mais na semântica, o falante sabe a língua da comunidade perfeitamente, não se atrapalhando em nenhuma circunstância ou situação, apenas talvez com limitações de memória, – torna-se, efetivamente, um robô automatizado.

A pragmática foi obrigada então a basear-se em análises dos “atos de fala” nos quais os participantes eram falantes idealizados, sem identidade social e muito menos personalidade particular. Esta estratégia assegurou a entrada bem-vinda da pragmática na Lingüística formal, mas também impediu a possibilidade de reintrodução da realidade cognitiva e social dos comunicadores.

Tenho a impressão de que os lingüistas mais interessados na Análise do Discurso tiveram a sensação de ter perdido contato com a realidade da comunicação e reagiram contra uma eleição extremamente exagerada e o projeto que tenta resgatar “terra firme” para os estudos dos grandes problemas pessoais e sociais associados ao discurso real.

A meu ver foi uma coincidência vários grupos diferentes terem chegado a essa conclusão mais ou menos na mesma época, e talvez por isso tenham tido conceitos e métodos bastante diversos, como por exemplo, na Inglaterra, na França, na Alemanha, nos Estados Unidos, etc. No caso do Brasil, a Análise do Discurso recebeu um impulso importante da Educação Libertadora da obra de Paulo Freire (Freire, 1980). Ele enfrentou o problema da alfabetização e foi o primeiro pesquisador a compreender a necessidade de fazer seu projeto com uma ligação entre a teoria e a prática. Na teoria, a alfabetização pode ser analisada do ponto de vista fonológico, morfológico, sintático, semântico e até pragmático, e cada análise chega a resultados diferentes e mesmo incompatíveis do mesmo jeito que a lingüística moderna tratou a linguagem em níveis separados na tentativa de fazer uma análise mais rigorosa.

Ao contrário dos lingüistas norte-americanos, Freire compreendeu a necessidade de uma *interação contínua e dialética entre a teoria e a prática*. Enquanto os americanos elaboravam uma teoria cada vez mais longe da prática, ele enfrentou a prática como desafio e construiu uma teoria praticável. E não foi à toa que sua obra teve como fundamento teórico exatamente os mesmos pensadores que trabalharam na Análise do Discurso da Escola Francesa, tais como Jean-Paul Sartre e Michel Foucault.

## 2 Análise crítica do discurso

Depois dessa curta retrospectiva sobre o desenvolvimento da Análise do Discurso, podemos considerar suas relações possíveis com a realidade brasileira e a situação acadêmica neste país. Tenho a impressão de que a Análise do Discurso representa um campo de grande atividade atualmente – impressão que foi confirmada durante minha participação no Congresso do CELSUL em novembro de 1995.

O que ainda está faltando, no meu modo de ver, é uma *consolidação transdisciplinar e interuniversitária* para montar projetos de porte adequado a este período de desenvolvimento social. Nesta seção, oferecerei algumas sugestões de tais projetos, que parecem bastante urgentes para o futuro.

O assunto mais importante parece-me ser *o papel do discurso público*, num país que evoluiu de uma ditadura militar para uma república, sem resolver os problemas da maioria do povo, que continua vivendo na miséria e na fome. Evidentemente, há métodos para garantir os mesmos extremos da desigualdade sem fazer uso da força e da violência que simbolizam a ditadura. Vale ressaltar que o motivo principal para o golpe de Estado em 1964 foi a ascensão de um governo de verdadeiros sentimentos trabalhistas. Foi assim em muitos outros países na América Latina, quando as democracias

diversas chegaram ao poder através de um resultado que realmente representava a vontade da maioria do povo.

O que foi diferente no caso do Brasil foi o fim muito lento da ditadura, passando por uma série de quase-democracias, até chegar a um Estado aparentemente livre do controle dos generais que comandavam a ditadura. Ao contrário, por exemplo, da Argentina, onde a ditadura caiu quase da noite para o dia, por causa da guerra desastrosa contra a Inglaterra nas Ilhas Malvinas.

O aspecto mais relevante aqui foi a volta da liberdade no discurso público. Anteriormente, estritamente controlado pelo Governo e pela polícia, ia de encontro ao discurso dos direitos humanos; o discurso sobre os direitos dos trabalhadores, especificamente, era extremamente "subversivo". Hoje, o próprio governo "neoliberal" faz uso da palavra todos os dias para expressar suas boas intenções e sua preocupação com todas as classes sociais e respeito à saúde, educação, emprego, segurança e agricultura. Quero ressaltar que a democratização do Brasil durante a transformação da ditadura em democracia foi principalmente cumprida *na teoria do discurso público*, de tal maneira a deixar, *na prática social*, a estrutura do país preservada. É um discurso totalmente mistificado face à realidade brasileira: a maioria da população tem o direito de falar o que pensa, mas muitas vezes não tem a possibilidade de freqüentar a escola, de ir ao médico, de adquirir terra para cultivar e até mesmo trabalhar:

*O Ministro do trabalho está negociando com o Congresso a implantação do contrato de trabalho por tempo determinado [...] o trabalhador poderá assinar um contrato com tempo pré-estabelecido, no máximo até dois anos com direito a recolhimento do FGTS e décimo terceiro salário, mas sem direito a pagamento de aviso prévio e a indenização de 40% sobre o valor disponível no Fundo de Garantia, pagos em caso de demissão. No ministério todos estão convencidos de que esta é a maneira mais barata e eficiente de arranjar espaço*

*para jovens no mercado de trabalho. "É preciso reparar a era Vargas" diz o Ministro do Trabalho. (Isto É, janeiro 1996, p. 88)*

Esta relação entre a realidade dos feitos e o discurso do Governo é muito típica. É um plano simplesmente "cosmético" que, em vez de reduzir o desemprego no país, simplesmente vai distribuí-lo entre um maior número de trabalhadores. Mas o Ministro defende a proposta, sem falar da miséria que vai produzir para os velhos, arranjando espaço apenas para os jovens. Parece assim um plano de alta consciência social, mas, na realidade, vai piorar a situação dos trabalhadores mais velhos, que têm menos chance de concorrer no "mercado livre" de trabalho. O discurso "neoliberal" apresenta prejuízos para os trabalhadores como se fossem significativos benefícios.

### 3 Demonstração: O discurso das multinacionais

É fácil reconhecer a contradição no *discurso das multinacionais*. Observe-se o texto abaixo, que é um exemplo muito típico:

- [1] *Quando alguém realiza alguma coisa é movido por um instinto comum a todo ser humano.*
- [2] *Desde uma criança em seus primeiros rabiscos, até uma grande empresa multinacional.*
- [3] *É um instinto tão vital como respirar.*
- [4] *É como dar o passo seguinte e fazer tudo ainda melhor, não importa o que seja.*
- [5] *Na busca do conhecimento, nós criamos, aperfeiçoamos, progredimos.*
- [6] *E, fazendo isso, estamos tornando o mundo um lugar melhor.*
- [7] *Não importa se somos crianças aprendendo a desenhar melhor, cientistas fazendo melhores remédios, políticos fazendo leis melhores ou indústrias fazendo produtos melhores.*

[8] *Todos, em algum lugar, de alguma forma, estão fazendo alguém mais feliz [...].*

[9] *Embora sejamos conhecidos por fazer melhores coisas, daqui por diante queremos ser conhecidos também por fazer as coisas melhores (Veja. 6 set. 1995, p. 124).*

Segundo Halliday (1986), podemos caracterizar esse exemplo como parte do *discurso transcendental*, quer dizer, um discurso que justifica os motivos dos falantes, referindo-se a valores universais bem longe dos problemas cotidianos e as motivações particulares. Neste caso, já no primeiro enunciado, fala-se dos instintos comuns a todos os seres humanos, uma generalidade que esconde a mentira dessa formulação tão geral.

O discurso multinacional tem por objetivo comunicar uma sensação de solidariedade entre as grandes empresas estrangeiras e o consumidor médio brasileiro. Veremos que este discurso tenta chegar a esse objetivo com uma variedade de recursos gramaticais, lexicais e discursivos. Na superfície, o texto parece muito inocente, mas sua mensagem está oculta, além de ser difícil de se acreditar, prejudica a sensibilidade do brasileiro, pela situação econômica que se esconde sob o discurso neo-liberal da “democracia” e do “mercado livre”: *a teoria inclusiva sempre em conjunto com a prática exclusiva* (Beaugrande, 1996). Em teoria, todos os cidadãos possuem os mesmos direitos humanos e a oportunidade de trabalhar e receber salários dignos, no “mercado livre”; na prática, a sociedade é terrivelmente fragmentada, com extremos contrastes entre o supérfluo e o luxo da elite de um lado e a pobreza e a miséria da maioria de outro. Na teoria, o “crescimento econômico” vai para as contas de todos os cidadãos do país, mistificando os mecanismos de distribuição; na prática, a expressão “mercado livre” parece indicar que o cidadão julga o sucesso do governo vendo só os fatores globais, sem ver sua situação particular. Dessa maneira foi possível que uma série de

governos, a serviço da elite, ganhasse eleições com os votos de grupos sociais, cuja situação ficou a mesma ou até pior.

A *análise crítica do discurso* dedica-se a ligar o sentido de um texto que parece bastante simples à condição social e econômica muito complicada de um país. Sabe-se que, na década de 60, uma série de informações apontou o grande prejuízo causado pelas multinacionais no “terceiro mundo”. Entre outros, os seguintes foram constatados.

As multinacionais:

- 1) *tiram muito mais do que dão ao país;*
- 2) *usam modos de competição, tais como a venda de produtos abaixo do custo de produção para impedir a concorrência das empresas nacionais;*
- 3) *impedem o desenvolvimento da tecnologia nacional, substituindo-a nos setores mais avançados;*
- 4) *usam propaganda para comunicar mensagem de que só os produtos importados têm valor, contribuindo para a ansiedade e sentimentos de inferioridade dos cidadãos;*
- 5) *usam propaganda para despertar o consumo de supérfluos, encorajando a elite a explorar o povo com ainda mais energia, para financiar mercadorias não necessárias;*
- 6) *ignoram regulamentos de segurança social, proteção da saúde no trabalho e proteção do meio ambiente;*

As multinacionais (com todas estas estratégias e efeitos) podem explorar não somente a estrutura econômica, geográfica ou política do país, como também os consumidores e mesmo os trabalhadores.

Observe-se o texto mais de perto. É típico no discurso transcendente o uso de palavras com sentido muito geral. Temos, por exemplo, expressões como: *alguém, alguma coisa, algum lugar, alguma forma, todo ser humano, fazer tudo ainda melhor, tornando o mundo um lugar melhor, fazer as coisas melhores*. Tais expressões colocam as atividades das multinacionais num quadro como parceiros benfeitores de todo o mundo, onde estão principalmente empresas humanísticas, que

fazem negócios apenas para ganhar o dinheiro necessário para “melhorar a vida de todos”. Naturalmente, declarações totalmente falsas aparecem. Por exemplo, na linha [1], pessoas “realizam” muitas coisas que não são movidas de nenhum jeito por um “instinto comum”, mas por motivos idiossincráticos ou simplesmente por engano. E a criação de uma empresa multinacional deve ser uma coisa seguramente longe dos “instintos de todos os seres humanos”.

A lista dos agentes na linha [2] é bem interessante: “criança” e “grande empresa” são colocadas juntas para a associação da inocência e da fraqueza da criança ao lado da fortíssima e culpadíssima empresa. A linha [7] apresenta uma lista de agentes e atividades, usando o paralelismo sintático para sugerir uma relação semântica bem íntima entre “crianças, cientistas, políticos e indústrias”. Cada um está fazendo alguma coisa que parece ser pelo menos inocente no caso da criança, e benéfico no caso dos cientistas e políticos. Mas a escolha dos agentes não é nada inocente. A criança que estava fazendo os “primeiros rabiscos” [2] está agora “desenhando melhor” [7], quer dizer: fazendo algo semelhante à empresa multinacional, como se fosse destinada a ser empregada dessa empresa e desenhar fábricas ou produtos. Os cientistas estão “fazendo remédios melhores”, o que não pode ser uma atividade reprovável; mas para entender a ligação, precisa-se saber que quase todos os remédios no Brasil são produtos das multinacionais e que, além disso, são tão caros que pessoas pobres simplesmente não têm condições de adquirilos. Quanto aos “políticos fazendo leis melhores”, à primeira vista, no contexto brasileiro só pode ser piada cínica. São exatamente as leis que são “melhores” para as multinacionais, por exemplo, leis que permitem que empresas estrangeiras não paguem a segurança social, uma prática que já tem uma longa história no Brasil; ou seja, leis para diminuir a área de florestas protegidas e para entregar uma área ainda maior à exploração das multinacionais. Assim, na superfície, parece uma ligação

justificada entre as atividades científicas e políticas e a produção de melhores produtos, sem falar que esses produtos vão ter os preços mais altos. Mas, na mensagem oculta, como vemos, as atividades industriais têm uma ligação bem mais sinistra, como as leis e os remédios produzidos para os outros.

O assunto é parecido com a lista de atividades associadas. Essa série começa com: “fazer tudo ainda melhor” [4]. A seguir a atividade transformar-se-á na “busca de conhecimento” [5], outra atividade impossível de reprovar-se. Depois vem uma série que parece fora da seqüência lógica: “criamos, aperfeiçoamos, progredimos”. Seria mais lógico que a “perfeição”, sendo o ápice, fosse também colocada no final; mas, já que o “progresso” é a palavra chave das multinacionais, é vantajoso fazer parecer que produzir progresso (em “progredimos”) é ir além da perfeição. No mito de cientismo, o progresso não pode senão “tornar o mundo inteiro um lugar melhor”, é isso exatamente o próximo passo discursivo [6]. O mito do *consumismo* diz que fazer o progresso é a mesma coisa que ganhar produtos melhores e este é o único caminho para chegar-se à felicidade; por isso, não surpreende que apareça o conjunto “maior felicidade” na linha [8].

Resta apenas o jogo de palavras em [9], que dá, como pressuposição, o efeito aceito por empresas conhecidas por fazerem melhores coisas, como se isso fosse diretamente ligado a “fazer as coisas melhores”, quer dizer exatamente “tornar o mundo um lugar melhor para todos os seres humanos”, e não, como na verdade, fazer um mundo melhor para a empresa que está fazendo a propaganda.

Podem ser difícil acreditar em tudo isso, mas a elite e a burguesia brasileiras, que se negam a ajudar a acabar com a pobreza e a miséria do povo, têm uma forte motivação para tal, pois, assim, podem aliviar sua vã consciência com a idéia de que as poderosas multinacionais vão resolver os problemas econômicos e sociais, exatamente como o texto promete fazer.

#### 4 Conclusão

Esta curta análise de um texto típico do discurso transcendental das multinacionais pode dar uma idéia da ideologia que se chama “crítica”. Ao contrário de cientistas clássicos, que afirmam deixar a ideologia fora de seu trabalho, a *análise crítica do discurso* afirma o caráter ideológico de todas as atividades e discursos incluídos nas ciências. Sendo assim, afirmamos também o caráter fortemente ideológico do nosso método, mostrando que age a serviço de uma *ideologia do ecologismo*, quer dizer, uma ideologia simples, afirmando o valor da vida humana e buscando caminhos para uma vida sustentável no meio ambiente e no ambiente humano. Assim sendo, a finalidade da análise é mostrar as *estratégias do discurso* e ligá-las à ideologia que envolve o discurso. O objetivo, a longo prazo, é restabelecer o equilíbrio entre os participantes do discurso e chegar a um nível de maior sensibilidade frente às ideologias no discurso. Nesse nível, o cidadão será, enfim, capaz de fazer uma escolha “ecologista”, contra o consumismo e para o ecologismo; contra o egoísmo e para a comunidade; contra o poder e para a solidariedade; contra o confronto e para a cooperação.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BEAUGRANDE, Robert de. *New foundations for a science of text and discourse*. Norwood: Ablex, 1996.
- FREIRE, Paulo. *A conscientização*. São Paulo: Moraes, 1980.
- HALLIDAY, Tereza. *A retórica das multinacionais*. São Paulo: Summus, 1986.

humanities and  
analyses is the  
'uncovered' by  
analysis, if language  
their ideologies

Despite  
however, the the  
ideologies is fa